A freira interna

Reflexões sobre nossas oficinas de autocuidado com ativistas

ROSA POSA GUINEA

akahatá
equipo de trabajo en sexualidades y géneros

Tradução
Ariane Meireles

Meus agradecimentos extremos às contribuições de Alejandra Sarda, Natu Ferreira y Fernando D'Elio para que este texto fosse possível.

A freira interna

INos últimos 5 anos coordenei com a equipe de Akahatá[1] mais de 40 oficinas por toda a região, em que tive a sorte de compartilhar com mais de 500 ativistas LGBTI e defensoras de DDHH da América Latina e Caribe.

Este escrito expressa reflexões em torno do tema do autocuidado e as resistências internas a isso. Não é um escrito acadêmico, como se darão conta, nem pretende sê-lo.

Neste tour de oficinas e várias experiências de ativismo onde analisamos juntes nossas vidas e elementos vinculados à forma de viver, percebemos que sempre emergem crenças que nos retiram do centro de nossas próprias vidas e do cuidado de nós mesmes. Nas oficinas, repetidamente, para analisar estas crenças, utilizo a imagem, o conceito da "freira interna"[2]. Conceito que, neste escrito, pretendo desenvolver.

Têm todo meu respeito as freiras gente boa que estão jogadas nos últimos espaços, nos arredores da periferia mais abjeta, lá onde os padres nunca vão. Meus respeitos quando entregam suas vidas e meus não-respeitos quando usam seu lugar para perpetuar a discriminação e a violência contra LGBTI.

A freira interna de quem vamos falar aqui é uma personagem dentro de nós que aprendeu a renunciar a si própria, a quem lhe ensinaram que "amar é

1. Em muitas destas oficinas compartilhamos criação de metodologias, conteúdos e facilitação com Mujeres al Borde (http://www.mujeresalborde.org) a quem agradeço todo este percurso.
2. Tenhamos em conta que falamos desde um contexto com herança colonial católica.

entregar-se, esquecendo-se de si" (esta era a letra de uma canção de paróquia). A freira interna aprendeu que quanto mais se esforça, melhor; aprendeu a não esperar nem recompensa nem reconhecimento, porque isso seria egoísmo; a não cuidar-se porque seria vaidade; a crer firmemente que no ato de dar está tudo. Na versão mais entregue, nem sequer há um belo céu que te espera, senão que o único gozo está em dar.

Na construção das feminilidades convencionais, está muito presente o "ser para outros", como definia Marcela Lagarde[3] às mães-esposas: a vida tem sentido se está focada a dar o melhor de si para que outras pessoas (marido e filhos) estejam bem, se desenvolvam, estejam cuidados etc. Creio que esta é uma das chaves de "ser mulher". Pode ser que muitas de nós nos rebelamos contra a feminilidade imposta, mas esta parte abnegada-generosa permanece. Podemos não ter esposo e filhos, mas temos um grupo, uma organização, associação, sindicato ou partido a quem entregar nossa vida.

A ideia da freira é não ter amarras para poder entregar seu trabalho gratuito (ou quase gratuito) a uma causa, chame-se Deus, a opção pelos pobres ou um mundo mais justo.

Esses ditames ancorados nas profundezas de nosso ser ativista, revolucionário, esquerdista, super alternativo, dissidente da sexualidade e do gênero vêm de uma trilogia que não tem nada a ver conosco.

Recordam esse lema fascista "Deus, pátria e família"? Quero comentar como isso está inserido em nossa cabeça, ainda que nossas ideias estejam muito, muito longe disto. Vamos passo a passo:

3. Lagarde, Marcela. Los cautiveros de las mujeres, madresposas, monjas, putas, presas y locas. UNAM México, 1990. Reimpressión 2003. É uma referência histórica em que aprendi muito. Agora estou afastada de seu pensamento. Recomendo a leitura deste artigo: ¿Qué hago ahora com Marcela Lagarde? El dichoso "borrado de las mujeres" y el debate entre feministas. https://abarquin.wordpress.com/2020/08/13/que-hago-yo-ahora-con-marcela-lagarde-el-dichoso-borrado-de-las-mujeres-y-el-debate-entre-feministas/

DEUS:

Independentemente das crenças de cada qual, quero analisar a ideia cultural do deus cristão católico que paira em nosso cérebro e nas calçadas de nossas cidades.

Na cultura cristã, o sacrifício é um elemento de dignidade humana: quanto mais te sacrificas, mais mereces. O auge do sacrifício é Cristo que “dá a vida” torturado e assassinado. A ideia de que o máximo sacrifício é a morte ficou gravada em nós.

Sacrificar-se é ser uma pessoa melhor.

Sofrer te faz merecer as coisas. Se sofreu, merece que te aconteçam coisas boas; se goza, chegou a hora de que se foda; se gozou, merece um castigo.
Isto é muito simples e não o consideramos tanto assim, mas em alguma parte do nosso ser está.

Então: o sacrifício e o sofrimento são extremamente valorizados. Desfrutar e descansar sempre é suspeito.

Alguém que sofre merece nossa empatia, alguém que goza, não.
Assim está configurada uma parte do resíduo colonial em nossa mente.

PÁTRIA:

A pátria é um conceito de dois gumes.

Para as pessoas bem-intencionadas é um bem comum. É independência, auto-gestão, orgulho de ser etc.

Mas desde os anos 1800, a pátria formada a partir da independência da colônia retomou formas coloniais de ser e de organizar-se.

Há uma ideia sempre bélica e de defender-se do externo/distinto "que ameaça a pátria"; os heróis da pátria são homens, em sua maioria, militares.

Há uma ideia de que o máximo é morrer pela pátria.

Outra vez morrer ou entregar a vida.

Em todas as partes há monumentos a soldados tombados, heróis e mártires da pátria.

Portanto, morrer sempre está bem. Casualmente sempre morrem os que não decidem que se declare uma guerra.

Esta ideia de morrer se soma à ideia cristã. De fato, está tudo junto. Recordem que para que existam as nações era necessário apagar as diversidades e reduzir tudo a uma ideia, uma nação, um hino, uma bandeira, um só idioma, uma só forma de sexualidade, uma só forma de identificar-se com teu corpo, uma só religião etc.

FAMÍLIA:

A família é onde há que entregar a vida segundo o ditame de gênero para as mulheres. Sacrificar-se para que as pessoas que integram esta família estejam bem. O esposo, filhas, filhos, filhes.

Como isto está gravado no fundo de nossa programação vital, ainda que não haja esposo ou não haja filhes, pode haver uma organização, fundação, partido, sindicato. A questão é que há que se adiar para ser uma boa pessoa.

Podemos não ter filhes (ou sim, também) mas temos organizações a quem devemos cuidar, lhe darmos nosso tempo, nosso dinheiro, nosso trabalho gratuito.

Podemos ser as mães-esposas permanentes: dar, dar e dar a outres e que ninguém se dê conta do nosso. Dar em silêncio, que ninguém saiba, é o que importa. Apagar-nos para que brilhem nossos "maridos e filhos" (tudo no masculino).

Na casa há tarefas silenciosas do trabalho doméstico que muitas vezes o resto da família tem a sensação de que se faz por mágica, mas são as mulheres que o fazem. Nas organizações também acontece isto: depois de uma reunião daquelas que mudamos o mundo, os copos se juntam e se lavam sozinhos.

Quero estender esta ideia do ditame para as mulheres cis gênero heterossexuais às pessoas LGBTI pelo seguinte. Se você é lésbica, além de ter gravado este ditame de servidão, "deve compensar" sua lesbianidade sendo a mais entregue, a mais generosa, a mais cuidadora. Não importa se sua sogra é super desagradável, mas há que trocar a culpa da lesbianidade com cuidados heróicos.

Se é uma pessoa trans, ao menos tem que sustentar economicamente. Conheço milhões de casos em que as famílias estão penduradas nas pessoas trans (ainda que no fundo não aceitem nem reconheçam). É como o pagamento por estar, por existir.

Também, ainda que menos, tenho visto casos de gays cuidadores de famílias para compensar essa gaytude.

Estas ideias de deus, pátria e família, que não são nossas ideias, vivem conosco, nos impedem de pensar em um autocuidado seriamente porque nos sussurram ao ouvido que o auto-adiamento é o máximo, que priorizar sempre às outras pessoas é o melhor.

Na verdade, é o melhor para que o sistema patriarcal se perpetue. Quanto trabalho gratuito fazemos por amor? Por amor a uma pessoa, a uma ideia, a um grupo, partido, paróquia, sindicato, organização.

Para resumir tudo isso uso a figura da freira interna como símbolo do sacrifício permanente, a ausência de prazer, o perpétuo auto-adiamento e apagamento social.

Isto acontece no ativismo, sim.

Não acontece com todo mundo, obvio, no outro extremo temos os egos supremos, que também há muitos. Poderiam ser as abadesas, a madre superiora ou o padre mor, segundo as preferências.

A freira interna resume a cultura de sacrifício como único caminho. O sacrifício é o melhor e te leva ao céu. A cultura de mártir nos encanta. Nos encanta a possibilidade que, se morremos, alguém coloca nossa cara em sua camiseta.

O sacrifício é também nos matarmos a cada dia um pouco, adoecermos um pouco, apagar-nos a cada instante,

aceitar ou nos auto-impor sacrifícios. O ativismo não é religião.

O autocuidado não é o extremo oposto de não fazer nada voluntariamente, exigir pagamento por tudo, supervalorizar nossos atributos, crer que o mundo deve homenagear-nos. A proposta não é converter-nos em abadesas ou madres superiores, nem em superestrelas ególotras. A ideia é navegar em equilíbrio. O amor-próprio não é renunciar à comunidade, tudo ao contrário.

O autocuidado é o equilíbrio, cuidarse, não adiar nossa saúde, reaprender a escutar nosso corpo e nossas necessidades.

Também nos ensinaram a pensar que o desfrutar é uma questão de dinheiro, que o gozo é somente para gente rica, que sem recursos não se pode desfrutar e isto não é assim.

Há coisas básicas do funcionamento do nosso corpo que não estão relacionadas com o luxo: dormir, completar nossas funções digestivas, respirar, estar tranquile. Estar bem não é um luxo. O autocuidado não é um luxo: é uma necessidade.

Sei que a vida de muitas defensoras de direitos humanos está em contínua ameaça, que às vezes é impossível dormir ou ter um minuto de tranquilidade por causa do assédio que vem de fora.

Neste texto me refiro à nossa disposição interna como ativistas, que está cheia de ideias muito enraizadas para não nos cuidar-nos, para não nos mantermos firmes.

Autocuidar-se não é deixar de lado a generosidade: é fazer-se responsável de si mesma, de si mesme, escutar-se, conhecer-se e poder colocar os próprios limites, não julgar tanto. Ocuparse de si mesma é, a longo prazo, não sobrecarregar às outras com a sua saúde quando já não podes mais. Parece algo egoista num primeiro momento, mas é o mais responsável e generoso que podes fazer por sua organização, sua família, suas pessoas queridas.

Pensemos na freira, na morte, na pátria, no martírio e escapemos. Estar bem não é uma proposta desvairada.

Vamos banir a freira ou pelo menos tratar de anestesiá-la um pouco. Também podemos abraçá-la, ensinar-lhe o prazer e o descanso, fazê-la rir, divertir-se em todas as suas formas.

Assunção, Abril de 2021

akahata@akahataorg.org

www.akahataorg.org